

## PASOLINI, O “CRONISTA-ESPORTIVO”: DRAMA, PAIXÃO E OLIMPIADAS DE 1960

César Teixeira Castilho<sup>1</sup>

Elcio Loureiro Cornelsen<sup>2</sup>

Gustavo Cerqueira Guimarães<sup>3</sup>

**Resumo:** Este ensaio tem como objetivo a análise de três crônicas publicadas pelo cronista-esportivo Pier Paolo Pasolini no transcorrer dos Jogos Olímpicos de 1960 em Roma para a revista “Vie Nuove”. Por meio de uma escrita singular, mesclando drama, paixão e crítica, Pasolini nos revela os bastidores do evento, na sua cidade natal, por meio de anedotas e encontros inusitados. Muito mais do que um simples espectador, o autor italiano, tomado pela paixão esportiva, discorre sobre questões caras, entre outras: amadorismo e profissionalismo, espetacularização do esporte, e impactos dos eventos esportivos. São crônicas recheadas de drama, que se desenrolam na transição profissional do intelectual das letras para o cinema. O esporte, por meio da sua pluma, se aproxima da arte e guarda estreitas relações com os elementos societários nos quais Pasolini estava inserido.

**Palavras-chave:** Pasolini; Jogos Olímpicos de 1960; Crônicas esportivas.

### **Pasolini, the “sports-chronicler”: drama, passion and 1960’s Olympics**

**Abstract:** This essay aims to analyze three chronicles published by sports-chronicler Paolo Pasolini during the 1960 Olympic Games in Rome, Italy, for the magazine “Vie Nuove”. Through a unique writing, mixing drama, passion and criticism, Pasolini reveals the backstage of the event, in his hometown, through anecdotes and unusual encounters. Much more than a simple spectator, the Roman author, taken by his passion for sports, discusses crucial issues such as: amateurism and professionalism, spectacularization of sport, impacts of sporting events, among others. These are drama-laden chronicles that unfold in the professional transition of the intellectual from letters to cinema. Sport, through its feather, approaches art and maintains close relationships with the societal elements in which Pasolini was inserted.

**Keywords:** Pasolini; 1960 Olympic Games; Sport chronicles.

### **Introdução**

Le sport est un phénomène de civilisation tellement important qu’il ne devrait être ni ignoré ni négligé par la classe dirigeante et les intellectuels<sup>4</sup> (PASOLINI, 2012, p. 32).

Em sintonia com diferentes paixões humanas e intelectuais, Pier Paolo Pasolini – nascido em 5 de março de 1922, em Santo Stefano (Itália); e

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: [castcesarster@gmail.com](mailto:castcesarster@gmail.com)

<sup>2</sup> Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: [emcor@uol.com.br](mailto:emcor@uol.com.br)

<sup>3</sup> Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Maputo, Moçambique. E-mail: [gustavocguimaraes@hotmail.com](mailto:gustavocguimaraes@hotmail.com).

<sup>4</sup> “O esporte é um fenômeno da civilização tão importante que ele não deveria ser ignorado nem negligenciado pela classe dirigente e pelos intelectuais” (Tradução do autor).

assassinado em 2 de novembro de 1975, em Ostia (Itália); propõe-se a compreender e analisar as razões e as causas das transformações socioculturais na Itália dos anos 1960. Seus artigos e suas crônicas jornalísticas nos oferecem a imagem de um “outro” Pasolini, mais homem comum do que escritor, seus caminhos de reflexão mais do que seu lado artístico e estético, que, no entanto, permanecem manifestos. Este é, sem dúvida, o caso desses escritos sobre esporte: o leitor encontra Pasolini no “gramado” que não é estritamente literário, graças à sua paixão que o acompanhou até a morte. Reverso da neutralidade, o autor se compromete e se engaja frente às suas concepções de homem e mundo.

Pasolini, artista intelectual, era também um grande amante dos esportes – futebol, boxe e ciclismo. Desde o final da década de 1950 até sua morte em 1975, publicou numerosos textos sobre o assunto na imprensa italiana, alguns dos quais estão reunidos no livro “Les Terrains: écrits sur le sport”, publicado em 2005, na França, e reeditado em 2012 pela editora “Le Temps des Crises” (Paris, França). Pasolini nutriu pelo futebol, que jogou quase diariamente, paixão que viveu não sem contradição, dividido entre o amor por esse jogo popular (“o único grande rito que persiste”) e o medo de vê-lo transformado em espetáculo/negócio. Visionário, ele condena seu “declínio”, como do esporte em geral, já invadido pelo mercado de comunicação e publicidade, onde os jogadores se tornam os porta-estandartes do “neocapitalismo”. Ele decifra esse “fenômeno da civilização” que é o esporte, do qual sublinha a função essencial, o caráter sagrado e a ideologia subjacente, informando-nos sobre as grandes transformações socioeconômicas e culturais de uma época (PASOLINI, 2012, p. 99-101).

“Sport”, em inglês, quer dizer “jogo”, declarou Bloch (1996, p. 123) no seu texto intitulado “V - Sport”, recuperando dessa forma a etimologia que faz derivar o substantivo inglês, do inglês antigo “disport” ou “desport”, os mesmos oriundos do francês antigo “déport”, vinculado ao prazer, ao desfrute. Se Bloch (1931, p.135) continua sua reflexão ao questionar o significado da palavra esporte no idioma francês nos anos 1930, poderíamos, por outro lado, nos questionar qual o significado do esporte para os italianos na segunda metade do século XX, por meio dos escritos de Pasolini sobre os Jogos Olímpicos modernos. Pasolini relatou suas impressões sobre as Olimpíadas de Roma, transcorridos entre setembro e outubro de 1960, para a revista “Vie Nuove”, vinculada ao Partido Comunista Italiano (PCI).

Pasolini dedica três colunas ao evento olímpico, abordando diversos temas transversais, as quais nos permitem as seguintes indagações: o que há de original nessa questão essencial quando é tratada, e analisada, pelo homem que foi apelidado de “cronista esportivo”<sup>5</sup>? Há um tropismo soviético presente na sua escrita quando analisamos sua simpatia pelo PCI<sup>6</sup>? Conforme evidenciaremos a seguir, se tal aresta não pode ser constatada nas duas primeiras crônicas, em contrapartida, na terceira, nos parece evidente: Pasolini opta por evocar um encontro em um restaurante com os campeões

<sup>5</sup> Pasolini praticou esportes toda a sua vida e foi um ávido espectador de ciclismo, boxe e futebol.

<sup>6</sup> Embora Pasolini tenha sido expulso do PCI por causa de questões morais em 1949, ele permanece próximo por muito tempo, o que pode ser comprovado pelo fato de ter colaborado com a revista *Vie Nuove* anos depois.

soviéticos, Viktor Kapitomov<sup>7</sup>, campeão russo de ciclismo, e seu treinador, Leonid Scelesnev.

A fim de analisar os pormenores das crônicas olímpicas do autor italiano, utilizaremos como referência a edição francesa de 2012, intitulada “Les Terrains: Écris sur le sport”, mais completa e abrangente, traduzida pelo especialista e professor universitário Flaviano Pisanelli. Em notas de rodapé disponibilizaremos as traduções em português confeccionadas por um dos autores do presente artigo. Investigaremos as três crônicas esportivas dedicadas especificamente aos Jogos Olímpicos de 1960, ao longo das quais Pasolini descreve, critica e decompõe o campo esportivo e suas transfigurações. Seus três artigos, inicialmente publicados pela Revista “Vie Nuove”, foram em seguida revelados no primeiro volume “Romanzi e racconti” (PASOLINI, 1998), sob os títulos: “Um mondo pieno di futuro”, “Dramma sul filo”, e, respectivamente, “Tradi i pattini per la bicicletta”<sup>8</sup>. As discussões propostas não seguirão uma ordem cronológica pré-estabelecida, serão retratadas de maneira livre, abordando temáticas e situações adversas vivenciadas por nosso protagonista, Pier Paolo Pasolini.

### **Profissionalismo esportivo em questão em tempos de Guerra Fria**

No artigo intitulado “Il trahit les patins par le vélo”<sup>9</sup>, o escritor primeiro relata o fabuloso destino do campeão russo de patins que se tornou campeão olímpico de ciclismo e, depois, explana sobre o amadorismo ético ditado pelo olimpismo. Poder-se-ia dizer que se trata de um manifesto pró-soviético, tal qual encontramos nos escritos de Calvino sobre os Jogos Olímpicos de 1952?<sup>10</sup> (GRANAT-ROBERT, 2019, p. 334). Diríamos que não, pois Pasolini, diferentemente, é muito mais comedido em suas observações e, sobretudo, mais inventivo do ponto de vista literário: é menos ideológico e se apega mais à realidade da cena. Chega a atacar o problema do amadorismo, pois defende uma posição à frente de seu tempo ao afirmar que a qualidade, a beleza e a paixão esportiva deveriam se sobrepor à distinção entre diletantismo e profissionalismo esportivo. Esse espírito penetrante provém, sem dúvida, como assinalado por Granat-Robert (2019, p. 340), “de uma posição mais independente em relação ao PCI, como já testemunha a primeira parte de seu tríptico de poesia civil, ‘Le ceneri di Gramsci’ de 1957” (PASOLINI, 2015), onde aparece seu vínculo conflituoso com o PCI e sua sensibilidade sincera e exacerbada aos complexos problemas societários vivenciados. Ademais, pode-se correlacionar à sua experiência pessoal no esporte. Pasolini era esportista e espectador apaixonado: são trunfos para refletir com mais profundidade, que o colocara em uma posição diferenciada e crítica nas análises da

<sup>7</sup> Viktor Kapitonov (1933-2005) foi um atleta de ciclismo russo que nos Jogos Olímpicos de 1960 conquistou a medalha de ouro no individual e a medalha de bronze no contrarrelógio para os soviéticos.

<sup>8</sup> Na edição francesa, os títulos foram traduzidos da seguinte forma: “Un monde plein d’avenir”, “Il trahit les patins par le vélo” e “Drame sur le fil”.

<sup>9</sup> “Ele trai os patins pela bicicleta” (Tradução do autor).

<sup>10</sup> Ítalo Calvino, escritor italiano, escreveu igualmente sobre as Olimpíadas, mas, diferentemente de Pasolini, Calvino se mostrou muito influenciado pelo Partido Comunista Italiano no contexto dos Jogos Olímpicos de 1952, realizados na cidade de Helsinque (Finlândia).

propaganda soviética via esporte. Enfim, o tema esportivo não o afasta da sua forma de escrita. A temática do esporte e a questão do amadorismo são tratadas como um acontecimento a ser revivido diretamente na leitura: são dramatizados. Relatada em estilo indireto livre, que lhe permite esboçar *in loco* as atitudes de seus interlocutores, trata-se de uma conversa cujas ações são reproduzidas diretamente pelos personagens, como em um drama, uma forma mimética da história, onde o narrador apaga e que avança ao mesmo tempo que o debate. Percebe-se um jogo de escrita que lhe permite mesclar narrativa e reflexão: constata-se uma leveza, uma suavidade, que concede igualmente uma proximidade entre o objeto e o leitor.

“Mais en Union Soviétique n’existe-t-il aucune forme de professionnalisme sportif ?”<sup>11</sup> (PASOLINI, 2012, p. 67), prossegue Pasolini depois de ter traçado a história desse campeão, “et dans ses yeux il n’y a que de la modestie, presque d l’humilité [...]”<sup>12</sup> (PASOLINI, 2012, p. 67), um minidrama feito de coincidências e paixão. Pasolini mostra-se particularmente habilidoso, do ponto de vista dramático e ideológico, ao fazer o relato dessa conversa. O fato de acontecer “entre camaradas” e para uma revista comunista, sua pluma não é alvo de interferências e nem de desejo de verdade irrestrita: Pasolini não tem medo nem da controvérsia nem da contradição, até porque existe uma espécie de confiança entre pares na cena. Em busca de uma solução real para seus questionamentos sobre o amadorismo ético que se perde e do inevitável profissionalismo, ele questiona seus interlocutores mesmo que se decepcione com suas ponderações. Pasolini consegue expressar sua opinião sem ser dogmático, haja vista o uso cuidadoso dos condicionais nos seus escritos. Trata-se de um pensamento sincero, que tateia e que gostaria de manter, em sua forma escrita, o formato espontâneo de um pensamento em formação: “Je pense que ce sont les athlètes les plus performants, professionnelles ou non, qui devraient participer aux jeux Olympiques”<sup>13</sup> (PASOLINI, 2012, p. 68).

Longe de tomar partido de um campo contra o outro ou configurar o sistema de alguns como forma partidária, como gostaria a lógica da Guerra Fria, Pasolini testemunha não apenas uma certa curiosidade, mas uma consciência aguda do sistema político questionando o esporte na URSS em termos de recompensa financeira. Ao sugerir que o profissionalismo deveria ser reconhecido no esporte, ele coloca em questão o olimpismo tal qual havia sido promulgado pelo Barão de Coubertin<sup>14</sup>, mas igualmente o olimpismo defendido pelos soviéticos, que estabeleceram, por meio do esporte estatal, uma lógica próxima do espírito olímpico propriamente dito (GOLDBLATT, 2016, p. 287-288). Depois de elogiar o modelo soviético através do qual se combina o orgulho e a modéstia dos vencedores (a equipe soviética tem um triunfo modesto nos Jogos Olímpicos de 1960 e, na URSS, uma recepção

<sup>11</sup> “Na URSS não existe nenhuma forma de profissionalismo esportivo?” (Tradução do autor)

<sup>12</sup> “E em seus olhos há apenas a modéstia, quase humildade” (Tradução do autor).

<sup>13</sup> “Acredito que os melhores atletas, profissionais ou não, deveriam ir às Olimpíadas (...) a qualidade, a beleza, a paixão desportiva também dever ser superiores a esta distinção entre amadorismo e profissionalismo” (Tradução do autor).

<sup>14</sup> Pierre de Coubertin (1863-1937) foi um prestigioso pedagogo e historiador francês que ficou mundialmente conhecido como fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna através da criação do COI em 1894 em Paris. Os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna aconteceriam dois anos mais tarde, em 1896, em Atenas.

simples é organizada na chegada dos atletas), o escrito esportivo tece uma crítica discreta ao modelo: não poupa posições subjacentes ao sistema implementado, onde o Estado nivela os mesmos benefícios para qualquer atividade laboral, o que, para Pasolini, trata-se de uma visão injusta e discriminatória para com os atletas. Nas palavras de seus interlocutores, à “une vivacité vive et euphorique”<sup>15</sup> (PASOLINI, 2012, p. 69) em perfeita harmonia com o espírito olímpico “le sport doit servir au physique, au développement de la compétition pacifique, et à rien d’autre”<sup>16</sup> (PASOLINI, 2012, p. 69) –, Pasolini se opõe a uma série de questões prementes que são de fato insinuações polêmicas: “Mais, alors, les grands acteurs, les écrivains, ne tirent-ils aucun bénéfice matériel de leur activité ? Et n’est-il pas juste qu’il en soit ainsi ? Pourquoi cette discrimination envers les sportifs.”<sup>17</sup> Não ignora a linguagem dura dos russos, que o decepcionam na elaboração de suas respostas, como não hesita em afirmar: “Avant, à d’autres questions, ils m’avaient répondu avec plus de rigueur”<sup>18</sup> (PASOLINI, 2012, p. 69).

O debate deve ter sido acalorado. Diante do peso do discurso soviético formatado através da barreira linguística e pelo conformismo político, a escolha do estilo indireto livre permite dar um ritmo rápido e leve a essa cena de discussão. Prova disso é a rápida reversão de Pasolini no final da conversa, sinalizando o abandono da polêmica sobre as ideias e o corte abrupto do tópico. Pasolini prossegue sublinhando um detalhe da atitude constrangedora dos soviéticos, aquém dos argumentos diante da implacabilidade do escritor; uma atitude *mise en abysme* pela referência literária aos personagens de Dostoiévski, personagens por si só atormentados, para qualificar a consciência em crise de seus interlocutores:

Mes amis croient qu’en quelque sorte je prends le parti du professionnalisme, et ils défendent l’amateurisme avec une ferveur digne des personnages de Dostoiévski lors de leurs longues conversations nocturnes. Je les observe : j’aime bien chez eux leurs raisonnements, leur dialectique enflammée.<sup>19</sup> (PASOLINI, 2012, p. 70)

Trata-se de uma concessão de Pasolini para aliviar a querela na discussão e romper o impasse? Ainda assim, no transcorrer de uma discussão próxima sobre o espírito olímpico, um confronto ideológico sobre a necessidade ou não de um engajamento físico e material, para além da tensão entre amadorismo e profissionalismo, surge uma consideração mais pessoal, da ordem da emoção, do drama cênico, forma mimética da história. O conflito das personagens e seus ideais foram diretamente evocados como uma representação dramática. A tensão do discurso ideológico, dá lugar à

<sup>15</sup> “[...] uma vivacidade viva e eufórica [...]” (Tradução do autor).

<sup>16</sup> “O esporte deve servir ao físico, ao desenvolvimento da competição pacífica, e a nada mais” (Tradução do autor).

<sup>17</sup> “Mas, então, os grandes atores, os escritores, não têm nenhum benefício material de suas atividades? Não seria justo que ele o tenha também? Por que esta discriminação frente aos esportistas?” (Tradução do autor).

<sup>18</sup> “Anteriormente, quando coloquei outras questões, eles não haviam me respondido com tanto rigor” (Tradução do autor).

<sup>19</sup> “Meus amigos acreditam que de alguma forma estou do lado do profissionalismo e defendem o amadorismo com um fervor digno dos personagens de Dostoiévski em suas longas conversas noturnas. Eu os observo: eu gosto muito do seu raciocínio, de sua dialética ardente” (Tradução do autor).

anotação de um detalhe concreto sobre os corpos e almas das personagens, que figura como uma espécie de didascália para o leitor da crônica. Pasolini retoma seu papel de narrador, observador e organizador da cena narrada: “Dans leurs yeux revient la sérénité et leur chaud sourire adolescente”<sup>20</sup> (PASOLINI, 2012, p. 71).

Para Pasolini, o corpo do atleta vai para além das silhuetas revestidas com vestimentas, trata-se de um lugar com detalhes emocionais capturados no momento da análise, intimamente subjetivo. Sua representação está vinculada ao drama por meio do seu apelo à sensibilidade e à imaginação. Não busca uma infinidade de entrevistas com atletas, muito pelo contrário, busca qualidade nos poucos encontros estabelecidos. Prefere vínculos e contatos menos acadêmicos e mais reais<sup>21</sup>. Transcreve sem complacência o conflito de interesses entre os atletas que querem se tornar campeões, em um diálogo nem pensado *a priori* nem acadêmico. Demonstra uma consciência pessoal dos jogos esportivos e põe em conflito, como um dramaturgo, diversos discursos: o discurso verbal das personagens que lutam em suas contradições e o de seus corpos que denuncia seu constrangimento, mas não pode enganar um observador atento como Pasolini. Além de seus personagens-atores, ele também não tem medo de se expor. Paralelamente ao seu desejo de superar a contradição entre amadorismo e profissionalismo, ele padece de um feitiço por esses jovens cujas ideias ele não compartilha. Ele também não ocultará, no relato que se segue a esta discussão, seu fascínio pela população proletária, representada por certas barcaças romanas.

Além da fabulosa historinha de Kapitonov, resumida pelo título da terceira crônica, o que Pasolini tenta nos contar, começa com um simples “Je n’ai rien d’autre à raconter qu’un simple dîner. Banal, plutôt [...]”<sup>22</sup> (PASOLINI, 2012, p. 63), e termina assim: “Ah, combien de choses il y aurait à dire...”<sup>23</sup> (PASOLINI, 2012, p. 73). Servindo de enquadramento, estas frases são indicativas de uma escrita singular que se coloca sob o signo da sensibilidade e da necessidade de enquadrar o que é uma forma literária híbrida, uma história dramatizada. O destaque desta coluna não nos parece ser a discussão no restaurante, nem o debate ideológico e dramatizado sobre amadorismo/profissionalismo, mas o encontro, improvisado e silencioso, que Pasolini provoca ao responder oportunamente a uma curiosidade de Scelesnev<sup>24</sup> que lhe solicita um passeio a fim de conhecer “quelque chose de Rome”<sup>25</sup> (PASOLINI, 2012, p. 71). O último parágrafo do artigo desloca a crônica para um registro completamente diferente do tópico sobre as Olimpíadas.

<sup>20</sup> “Nos seus olhos retorna a serenidade e o seu caloroso sorriso adolescente.” (Tradução do autor).

<sup>21</sup> Tais características estão presentes no documentário realizado por Pasolini em 1965, intitulado “Comizi d’amore”, sobre a sexualidade na Itália nos anos 1960. Através de um estilo informal e direto, o diretor percorre cidades e campos da Itália de norte a sul questionando as pessoas sobre o que pensam sobre sexo, erotismo e amor. (COMIZI, 1965).

<sup>22</sup> “Não tenho mais nada para contar do que um simples jantar. Ordinário, a bem dizer [...]” (Tradução do autor).

<sup>23</sup> Ah, quantas coisas haveria para dizer...” (Tradução do autor).

<sup>24</sup> Treinador do atleta de ciclismo soviético Viktor Kapitonov.

<sup>25</sup> “Algo de Roma.” (Tradução do autor).

Por sua vez, Pasolini consegue reunir, no silêncio noturno, os mais célebres campeões (os olímpicos russos) e os mais modestos habitantes que vivem no subúrbio de Roma, em Gordiani. Provoca o encontro dos campeões olímpicos, representantes de uma federação de repúblicas socialistas onde o proletariado tomou o poder, com os perdedores do capitalismo, a subclasse da jovem república italiana, que acabara de entrar no milagre econômico do neocapitalismo, favorecida pelo Plano Marshall (GRANAT-ROBERT, 2019). Poderíamos analisar tal anedota como uma provocação em relação ao PCI, ou somente como um momento de poesia oferecida pelas circunstâncias? Coincidência e oportunismo de Pasolini que, instintivamente, traz desportistas russos para o subúrbio de Roma que ele tanto aprecia. A ironia do destino é um momento intenso de verdade emocional que confunde gêneros literários com aspectos políticos e ideológicos. Pasolini oferece aos campeões a oportunidade de um encontro singular com aqueles esquecidos na história italiana, no contexto olímpico, pois, como advertido pelo próprio autor em sua primeira crônica, trata-se dos indivíduos que não foram convidados para as festividades olímpicas. É um momento privilegiado de discernimento e admiração em dois níveis: a população suburbana celebra o campeão que, por sua vez, os reconhecem como sujeitos, e o escritor reitera seu fascínio por esse mundo marginalizado. Pasolini reúne diferentes mundos, trata-se de um momento de descoberta e espanto recíproco, um momento efêmero.

O título da crônica já soa como um acontecimento dramático anunciado pelo verbo “trahir”<sup>26</sup>; é um escândalo, ao nível das modalidades esportivas distantes e raramente associadas. Mas no final da crônica, somos levados a outro miniescândalo. Um escândalo no sentido literal do termo, que eclode no seio do silêncio das moradias miseráveis: Pasolini sacode todos os conformismos que gostariam que esse “quelque chose de Rome” fosse visto como um belo monumento, uma bela praça, uma escultura/pintura renascentista. Um escândalo ideológico, político e sociológico. Pasolini já evocara, em sua segunda crônica, um outro mundo periférico, voltado para o da intelectualidade burguesa, representada por Alberto Moravia<sup>27</sup> e Elsa Morante<sup>28</sup>: pessoas ordinárias que organizavam em Ostia uma minicompetição de “cabo de guerra” (“tir à la corde”)<sup>29</sup> em uma praia. O autor prefere estes dois “tableaux vivants” de gente simples aos espetáculos dos Jogos Olímpicos que, por outro lado, impressionam a escritora Elsa Morante, uma noviça no campo dos espetáculos esportivos.

Pasolini não nos diz se o reconhecimento e o prazer das personagens no encontro na “borgata” foram recíprocos, mas não resta dúvida de que foi um momento de grande emoção. O uso das reticências ao encerrar a terceira crônica denota que ainda havia muito a ser relatado. O escritor conclui sua

---

<sup>26</sup> Trair (port.).

<sup>27</sup> Alberto Moravia (1907, Roma – 1990, Roma) foi um escritor e jornalista italiano, nascido em Roma, em 1907, e que acompanhou os Jogos Olímpicos de 1960 ao lado da sua esposa, Elsa Morante, e do seu amigo Pasolini, como retratado na crônica analisada.

<sup>28</sup> Elsa Morante (1912, Roma – 1985, Roma) foi uma escritora, romancista, poetisa e ensaísta italiana, nascida em Roma, em 1912, e que acompanhou os Jogos Olímpicos ao lado do seu amigo Pasolini, como retratado na crônica analisada.

<sup>29</sup> O “cabo de guerra” esteve presente como modalidade olímpica entre as edições de 1900, Paris, e 1920, Antuérpia.

última coluna com uma cena original, inédita e pessoal. A homenagem ao campeão olímpico é prestada, não oficialmente, pelo hasteamento da bandeira ou do hino nacional, pelo aplauso de um público escolhido a dedo, mas pelo levantar da cortina em um palco inédito e singular, composto de personagens de quem o autor se sente próximo: esses campeões olímpicos do dia e essa pequena multidão não oficial de párias como se tivessem saído do nada naquela noite, atrás da qual o autor/diretor desaparece, cativado e secretamente orgulhoso, sem dúvida, do pequeno cataclismo antropológico que ele havia provocado, visto que através da sua narrativa o poeta havia possibilitado a todos a oportunidade de vivenciar um momento intenso.

Como poderíamos interpretar essa escolha de Pasolini em conduzir os russos para o subúrbio de Roma? O autor sacrifica em primeiro lugar, elogiando a simplicidade e humildade dos campeões russos, a um espírito pró-soviético. Parece conformar-se com a doutrina que defende a exemplaridade do comunismo que abole as classes, reunindo, por exemplo, num momento de aparente alegria e simpatia das “petites gens” (“les serveurs du restaurant”<sup>30</sup>) e dos campeões olímpicos. Ele até credita (ironicamente) à engenhosidade dos soviéticos uma misteriosa influência benéfica sobre os garçons dos cafés italianos:

Les soviétiques neutralisent cette ironie par je ne sais pas quel puissant réactif chimique propre à leur personne. Les visages des serveurs, habitués à n'importe quel type de sourire, à condition qu'il ne soit pas ingénu, arborent spontanément autour d'eux des sourires d'enfant. <sup>31</sup> (PASOLINI, 2012, p. 71)

A visita aos habitantes de “Gordiani” rompe com a ilusão partidária: porque são eles, vistos como o caminho para o retorno à dimensão sagrada da humanidade, que Pasolini quis mostrar aos campeões. É para eles, que não se enquadram realmente na representação comunista da luta de classes, que ele se entusiasma sem se direcionar para os representantes do comunismo. Situada no momento de sua crise pessoal e ideológica, as crônicas esportivas destacadas revelam os sinais de suas concepções de mundo: escandalosa, anticonformista, engajada politicamente e literária, como abordaremos a seguir.

Com este último texto, podemos verificar que, ao contrário do que parece, a escrita de Pasolini não é puramente ideológica e pró-soviética, nem apenas moralista ou reflexiva: o uso do discurso jornalístico, adepto da polêmica, não contribui à criação de um discurso sábio ou filosófico, ao contrário dos escritos sobre os Jogos Olímpicos de 1952 de Calvino (GRANAT-ROBERT, 2019), sem realmente discuti-los, os princípios de Coubertin. Pasolini aborda as questões levantadas pelas Olimpíadas impulsionado por sua necessidade de expressar uma experiência mais pessoal, dramática e existencial. A última cena tem algo da reviravolta na série de crônicas e muda a atmosfera abruptamente: da luz e da alegria extrovertida de um barulhento

<sup>30</sup> “Os garçons do restaurante.” (Tradução do autor).

<sup>31</sup> “Os soviéticos neutralizam essa ironia com não sei que reagente químico poderoso específico para eles. Os rostos dos garçons, acostumados a qualquer tipo de sorriso, desde que não seja ingênuo, exibem espontaneamente sorrisos infantis entre eles.” (Tradução do autor).

terraço de uma restaurante em Roma à escuridão e à deriva da periferia da sua Roma, misteriosa e secreta.

Pasolini entrega um texto que tem tudo de um drama teatral: descrições frequentemente dramatizadas em uma sucessão de micro-cenas e tensões palpáveis entre os diferentes personagens. No final, o conteúdo é intercalado com comentários do escritor que tece um relato do debate sobre a questão do profissionalismo esportivo: suas observações são uma espécie de “apartes” que poderiam servir de direção de arte, caso se tratasse do roteiro de uma cena no teatro ou cinema. Parece-nos que ele joga com sua dupla dimensão de personagem/autor para se desprender do conteúdo e confidenciar seus sentimentos sobre a qualidade da cena recriada diante de nossos olhos: “Quelle joie de les voir tellement enflammés, tellement engagés, tellement candidez pour défendre un élément de leur vie civique [...]”<sup>32</sup>. Assim, o escritor, em vias de se tornar cineasta, combina brilhantemente nesta terceira crônica e numa escrita moderadamente lírica, mas, sobretudo, muito observadora, a sua atenção ao ambiente, às personagens e a uma necessária reflexão sobre o profissionalismo. Ele não hesita em questionar o espírito olímpico e o espírito soviético/comunista, ao mesmo tempo em que hibridiza os gêneros: a crônica jornalística esportiva, oferecendo o retrato do vencedor, transforma-se em reportagem sobre a descoberta pelos campeões de uma classe desconhecida para eles.

### **Espetacularização do esporte sob a ótica de Pasolini**

Se a atividade esportiva com vistas ao alto rendimento deixa de ser livre para quem a pratica e, portanto, perde-se a noção de jogo, se tornando uma verdadeira profissão, qual seria o sentido do esporte para os espectadores? Na era da sociedade de consumo e do espetáculo, não é somente o atleta que se preocupa com o esporte. A segunda crônica pasoliniana aborda, de forma mais explícita, a questão do esporte do ponto de vista do drama e do jogo, por intermédio do espectador muito mais do que do próprio esportista:

Je me suis rendu compte que je suis un très mauvais spectateur de compétitions d’athlétisme. Je sais que cela peut déplaire. Et, d’ailleurs, je le regrette aussi. Je veux dire que je suis un très mauvais spectateur de compétitions d’athlétisme pur, idéal, pour lequel on organise les vrais jeux Olympiques.<sup>33</sup> (PASOLINI, 2012, p. 75).

Portanto, afirma Pasolini tal postura em sua segunda crônica, seguindo o mesmo método empreendido de autoanálise. O atletismo pode ser visto como uma outra questão, depois do amadorismo, que suscita inquietações em Pasolini. Para o autor, o atletismo não desperta nenhum sentimento maior, nada além de indiferença, embora seja compreendido como a “modalidade-mãe” das Olimpíadas. No entanto, não podemos nos enganar em

<sup>32</sup> “Que alegria os ver tão entusiasmados, tão comprometidos, tão sinceros para defender um elemento de sua vida cívica [...]”. (Tradução do autor).

<sup>33</sup> “Percebi que sou um péssimo espectador de competições de atletismo. Eu sei que pode parecer uma ofensa. E, a propósito, também me arrependo. Quero dizer que sou um péssimo espectador de competições de atletismo puras e ideais, para as quais organizamos os verdadeiros Jogos Olímpicos.” (Tradução do autor).

uma primeira análise rasa. A paixão, mesmo que se expresse contra, está bem presente no discurso de Pasolini, tanto nos fatos quanto na escrita. Esta clivagem na aparência revelar-se-á bem mais complexa.

Para além do episódio que vincula uma vitória arrebatadora em uma prova de atletismo que o emocionara profundamente, a unidade dessa crônica do ponto de vista da escrita se expressa através de uma proposta de reflexão sobre o esporte como espetáculo. Como o espetáculo do esporte ainda se encontra vinculado ao esporte enquanto jogo, se ele só pode ser praticado profissionalmente? É a essa indagação que nos propomos responder na análise da segunda crônica. Elementos para uma elaboração da resposta já podem ser encontrados no título: “Drame sur le fil”<sup>34</sup>. O drama não se refere ao espaço teatral e não é este o lugar onde se desenrolam as paixões humanas a partir do qual as personagens podem compartilhar emoções junto aos espectadores? O espetáculo esportivo deve vislumbrar a distração, o entretenimento, o prazer, e isso, para além da questão relacionada à saúde corporal, como Pasolini procura demonstrar. Este é o primeiro sentido que o escritor enfatiza no esporte, seja praticado ativamente ou simplesmente “assistindo-o”: o jogo e o prazer – “je me suis amusé”<sup>35</sup>, observa Pasolini inúmeras vezes em seu texto, seja no início ao relatar a luta de boxe assistida na televisão em uma pizzaria, ou, no final, ao descrever o “cabo de guerra” opondo uma equipe de mulheres romanas e húngaras, na praia de Ostia<sup>36</sup>. Para além do hedonismo circunscrito no esboço da cena, Pasolini nos incita frente a outros prismas viáveis do campo esportivo.

Se a famosa doutrina filosófica faz da busca pelo prazer o principal combustível humano, segundo Pasolini, o esporte é um jogo, um verdadeiro entretenimento, na medida em que implica, além disso, uma real participação emocional do espectador nos esforços depreendidos pelos esportistas, sem jamais os experimentarem diretamente em seus corpos, o espectador pode experimentar, direta e, mentalmente, uma infinidade de instintos e paixões que o espetáculo dos esforços alheios desperta nele:

De nos jours, peu à peu, rien de ce qui est physique n'est plus nécessaire, tout a été remplacé par la machine : et le sport est lentement devenu, vis-à-vis de la nécessité, un pur et simple fait hygiénique ; il ne survit, dirais-je, que parce qu'il évacue certains instincts agressifs et compétitifs, de suprématie, qui chez l'homme moderne ne se sont pas encore éteints<sup>37</sup>. (PASOLINI, 2012, p. 78)

Este espetáculo e a sua projeção resultante juntam-se ao teatro porque não despertam apenas o sentimento de prazer. Assim é como a “la merveilleuse colère”<sup>38</sup>, feito realizado por Carl Kaufmann, atleta alemão que,

<sup>34</sup> Podemos pensar em uma tradução próxima do “Drama na corda bamba”.

<sup>35</sup> “Eu me diverti.” (Tradução do autor).

<sup>36</sup> Pequena cidade litorânea próxima de Roma onde Pasolini seria encontrado assassinado na noite de 1º a 2 de novembro de 1975.

<sup>37</sup> “Hoje em dia, pouco a pouco, nada do que é físico não é mais necessário, tudo foi substituído pela máquina: o esporte tornou-se lentamente, vis-à-vis a necessidade, um fato simples e puramente higiênico. Ele só sobreviveu, eu diria, porque emana certos instintos agressivos e competitivos, de supremacia, que no homem moderno ainda não se extinguiram.” (Tradução do autor).

<sup>38</sup> “Uma raiva maravilhosa.” (Tradução do autor).

nos últimos metros de sua corrida, não desperta prazer ou admiração, mas um sentimento de pena e repulsa em Pasolini:

[...] mais l'Allemand a couru comme un fou, a rejoint l'adversaire et il est tombé à terre, à demi mort, comme si son corps lui avait échappé, ou que son âme s'était enfuie, traînant un corps délaissé à l'arrière comme une guenille ou un automate. Une rage incroyable. Mais moi je pensais aux généraux allemands et à Erhard<sup>39</sup>, et je n'ai pas pu du tout l'admirer. Sa passion obstinée, sa fureur désespérée, m'ont fait peur<sup>40</sup>. (PASOLINI, 2012, p. 83).

A esta visão repulsiva, no parágrafo seguinte, o escritor opõe uma outra fotografia, fora do estádio, onde enaltece o esporte ideal a partir de uma perspectiva insana, paradoxal e, por assim dizer, mais “saudável”, de acordo com sua percepção positiva das pessoas ordinárias: a alegria desenfreada do povo da praia de Ostia, que gasta todas as suas energias na organização de um confronto lúdico que não deixa de lhe recordar, apesar de tudo, os Jogos Olímpicos. Essa loucura e determinação são distintas da do atleta olímpico, porque estão ligadas à alegria espontânea e ao prazer de uma competição não oficial, improvisada. Encontramos, nessa diferença de apreciação, uma compreensão específica no olhar de Pasolini: uma pureza no que é arcaico e primitivo no meio popular, mesmo no proletariado, comparado com o meio burguês (e olímpico), que organiza, estetiza, inventa ou ignora o que é bruto e espontâneo no mundo camponês e nas periferias urbanas. Se esse olhar etnográfico é influenciado em parte por uma visão marxista, algo perceptível e destacado anteriormente, Pasolini se deixa levar por seu paroxismo ao se desvincular da temática olímpica fazendo o papel de “guia” junto aos campeões soviéticos nos bairros populares de Roma.

À montante desse encontro, há, portanto, outro encontro mais colorido entre húngaras e italianas, este desafio sobre a “la petite plage, entre les deux files de cabines jaunes et rouges”<sup>41</sup> (PASOLINI, 2012, p. 84), considerada como “une véritable scène”<sup>42</sup>, mais simpática, para Pasolini, do que o espetáculo congelado dos atletas e juizes dos Jogos Olímpicos, bem como a exibição lastimável do atleta alemão Kaufmann. Pasolini, fiel à sua natureza polêmica, declarou-se incapaz de reconhecer o verdadeiro “Drame sur le fil” – indubitavelmente vivido pelo atleta germânico. Mas ele era realmente insensível? Não. Ele nos convida a viver as Olimpíadas como ele as viveu, como um espectador preocupado com o espetáculo, sentindo todo tipo de emoção e contradição. Isso lhe permite formular reservas pessoais do ponto de vista intelectual, uma espécie de licença poética, e traçar uma linha de demarcação entre os chamados esportes populares e esportes de elite.

<sup>39</sup> Político alemão que relançou a economia alemã capitalista após a IIª Guerra Mundial.

<sup>40</sup> “[...] mas o alemão correu como um louco, juntou-se ao adversário e caiu no chão, meio morto, como se seu corpo lhe tivesse escapado, ou sua alma tivesse fugido, arrastando um corpo abandonado para trás como um trapo ou um autômato. Uma raiva incrível. Mas eu estava pensando nos generais alemães e em Erhard, e não conseguia admirá-lo de forma alguma. Sua paixão teimosa, sua fúria desesperada, me assustava.” (Tradução do autor).

<sup>41</sup> “A pequena praia, entre as duas fileiras de cabanas amarelas e vermelhas.” (Tradução do autor).

<sup>42</sup> “Uma cena verdadeira.” (Tradução do autor).

Pasolini confere ao esporte o sentido do jogo, desde que seja oriundo ou praticado em um determinado ambiente específico.

O destaque das emoções negativas ou positivas (medo, piedade, antipatia, simpatia, admiração) que Pasolini empresta da esfera teatral é algo original no cenário esportivo: amplia a reflexão sobre o esporte e o eleva ao nível dos grandes campos artísticos, esporte este presumido comumente como alheio à arte. Teatro e esporte se unem pelas paixões despertadas pelo espetáculo, ou pelo palco. Ao primeiro significado do esporte como atividade para a saúde, devemos acrescentar este outro sentido comum a ambos os campos que é o jogo recreativo e salutar por meio das paixões que tocam, e sensibilizam, os corpos e espíritos dos espectadores. Pasolini extrai a possibilidade dessa associação a partir da sua experiência enquanto atleta, espectador e intelectual. O entretenimento almejado pelo espetáculo esportivo desperta a emoção catártica do espectador, como no teatro. O uso inflacionário do adjetivo “estupendo”, evocando uma emoção particularmente forte, o estupor, confirma a intensidade da emoção pessoal que Pasolini quer apresentar para descrever o esporte e suas consequências para o espectador (GRANAT-ROBERT, 2019, p. 351). É por meio dela que o espectador dos eventos esportivos se une ao espectador de obras teatrais, e que o esporte se une novamente à literatura. Estádios e ringues são os novos “palcoscenici”. Esta comparação não é apenas um efeito literário, é uma substituição que faz parte de uma ordem sociológica, numa mutação da sociedade contemporânea que analisa com acuidade o escritor-esportista. Contra todas as probabilidades, o esporte que se tornou espetáculo e, portanto, de certa forma, um bem de consumo não é absolutamente alvo de críticas mais severas por parte de Pasolini.

A partir das sensações de Pasolini, podemos afirmar que suas reflexões são extremamente profundas e matizadas, porque se baseiam em sua experiência direta e apaixonada como intelectual e atleta, e são nutridas por sua experiência como “tifoso”, como jogador e como “letterato”. Em suma, é sobre sua existência e suas paixões que suas reflexões sobre o mundo são forjadas. Como sugere seu apelido de “jornalista-esportista”, Pasolini revela suas habilidades como analista e intelectual em um assunto sobre o qual ele discorre com propriedade: o esporte. Pasolini não se atem somente aos corpos em ação ou às imagens inesquecíveis, simples cartões postais dos Jogos Olímpicos. Ele desenvolve uma verdadeira reflexão sobre o esporte a partir da disciplina olímpica por definição, o atletismo, para o qual não tem inclinação particular. Seu pensamento, seu discernimento, é construído a partir das informações externas e objetivas, pelo viés jornalístico, com dados mais subjetivos amalgamados, sem pudor, como na descrição sublinhada anteriormente, em frente à tela na pizzeria. Quase envergonhado, Pasolini admite sua preferência pelo boxe e pelo futebol, em detrimento do atletismo. O autor, enfim, se declara: “La pelouse des stades et le ring sont des scènes de théâtre : qui ont carrément remplacé les véritables scènes de théâtre”<sup>43</sup> (PASOLINI, 2012, p. 77).

---

<sup>43</sup> O gramado do estádio e o ringue são palcos de teatro: que substituíram completamente os palcos de teatro reais.” (Tradução do autor).

A prática do atletismo – e seu espetáculo correlato – perdeu sua essência estritamente existencial, critério de interesse nuclear. Em particular, porque os desafios relativos às provas de atletismo se transfiguraram entre a Antiguidade e os anos 1960: uma corrida a pé, exceto a maratona, inscreve-se em um tempo relativamente curto, sem uma aposta real. Em outras palavras, Pasolini não vê importância na modalidade em tempos motorizados, na era do automóvel. Pasolini estabelece assim uma comparação: “la compétition athlétique pure est un poème, plus au moins bref”<sup>44</sup> (PASOLINI, 2012, p. 77). Conforme a distância percorrida, seria algo sem interesse para o público, pois uma corrida não é mais necessária e interessante, segundo ele, do que uma leitura de poema no teatro. “Seul un petit groupe d’initiés supporterait un spectacle théâtral composé des lectures poétiques”<sup>45</sup> (PASOLINI, 2012, p. 77).

Por que esse descontentamento? Estaria Pasolini associando o acaso do jogo, a partida, o confronto entre duas pessoas ou equipes, como motivo fulcral que desencadeia o entretenimento do espectador que poderia ousar participar do confronto por procuração, no conflito das personagens? A aproximação com o teatro tem todo um significado: qualquer esporte que se baseie em um confronto entre duas ou mais pessoas, uma luta de boxe ou uma partida de futebol, portanto, retém o desafio tanto para os participantes como para os espectadores, pois o resultado depende, em parte, do acaso. A comparação com os “versos de uma poesia” para representar o desinteresse das pessoas diante do atletismo é eficaz, porque esta não é mais teatral do que a leitura de um poema em cena. Poder-se-ia presumir que não há espaço para improvisação. Essas referências ao campo literário ampliam as perspectivas e potencializam seu trabalho de escrita sobre o esporte. Ademais, estão em perfeita sintonia com a evolução do escritor e poeta que, a partir da década de 1960, voltar-se-á para o cinema, uma arte dinâmica, que se desenrola em um período bastante longo, e dá a ilusão de uma espessura temporal propícia a aventuras.

Em sua coluna, Pasolini aborda o tema do esporte através de um viés particular. Sua abordagem se mostra mais eficiente, mais focada, mais independente, quando analisamos outros manuscritos de intelectuais que se aventuraram a escrever nesta época sobre a temática esportiva. Pasolini, tendo como referência sua proximidade com o esporte, demonstra um discernimento e uma boa compreensão do tema, sempre se apoiando na literatura a fim de explicar e descortinar os aspectos envolvidos. O esporte, seja ele praticado ou assistido, é um jogo baseado em motivações dramáticas, assim como uma peça de teatro: roga por emoções de quem se coloca como espectador ou praticante, além do fato de que deve corresponder a uma busca de entretenimento. A perseguição da distração da consciência, do “gozo” que necessita ser sublimado, sob a égide psicanalítica, nos remete a certos instintos de dominação do homem moderno. Pasolini não se contenta mais em assumir os clichês do higienismo tão presentes no discurso de Coubertin, pois a falta de inclinação do escritor frente ao atletismo reflete sua visão não

<sup>44</sup>“A competição de atletismo pura é um poema, mais ou menos curto.” (Tradução do autor).

<sup>45</sup> “Apenas um pequeno grupo de iniciados suportaria um espetáculo teatral composto por leituras poéticas.” (Tradução do autor).

convencional das Olimpíadas, demonstrando rebeldia e coragem, uma vez que se trata da “modalidade-chave” dos Jogos e cuja exibição não o sensibiliza.

Na conclusão de seu artigo, Pasolini, sem ilusões, embora de maneira sagaz, recorre a outro ditado latino, menos glorioso para qualificar as Olimpíadas, “panem et circenses”, o lema da Roma antiga e decadente, revelando a necessidade do espetáculo das massas; ele endossa assim uma evolução no sentido do esporte espetáculo que embala as multidões e desperta sua inclinação – ou uma involução ao considerarmos o tempo milenar. Neste contexto, nos sinaliza que as mudanças não devem ser lamentáveis, porque “il est inutile regretter le passé: il faut courageusement affronter les situations nouvelles, amenées par de nouvelles nécessités.”<sup>46</sup> (PASOLINI, 2012, p. 77).

### **Considerações finais**

Pasolini, por assim dizer, mescla uma visão lírica e crítica simultaneamente não convencional face às Olimpíadas. A “[...] cette vision jeune et colorée du monde réuni dans un défi pacifique, cette évocation de moments historiques détachés du bien tu du mal, ébauche d’une conscience plus grande et sereine, celle-là même que les jugera demain”<sup>47</sup> – a bela mensagem que Pasolini quer levar da cerimônia de abertura das Olimpíadas na conclusão de sua primeira coluna, apropriadamente intitulada “Un mondo pieno di futuro”<sup>48</sup> –, não rende nada à sua consciência desiludida, onde já na sua segunda crônica, percebemos um crítica mais contundente ao afirmar que os Jogos Olímpicos modernos têm muito mais em comum com o opaco conceito de “pão e jogos”, ou seja, o novo “pão e circo”. Apaixonado pelo esporte, sobretudo por seu aspecto popular, Pasolini taxa as Olimpíadas, através do atletismo, com adjetivos fervorosos que ele não reconhece nas partidas, nas disputas, do boxe ou do futebol, suas grandes paixões, provavelmente porque tratam-se de modalidades frequentadas por pessoas mais simples. Não gratuitamente, em sua terceira crônica, o autor romano vai em direção à periferia de Roma, onde se situam aqueles cidadãos privados do espetáculo. Verifica-se no passeio turístico noturno, ou na cena do cabo de guerra na praia de Ostia, uma quase necessidade de afastamento do evento espetacular, da grandiosidade olímpica. Pasolini, não se atém somente à sua militância comunista, mas apresenta-se como um sujeito independente e inconformado. Ele não permite o desvio do esporte de seu significado original relativo ao lúdico, ao jogo e ao simples prazer. Existe uma busca por seu sentido primário, por sua raiz primitiva. Os momentos de celebrações, em Ostia ou nos arredores de Roma, são mais genuínos e espontâneos do que subversivos. Pasolini resume sua experiência litorânea como “[...] Ça, c’était

<sup>46</sup> É inútil lamentar o passado: devemos enfrentar corajosamente novas situações, trazidas por novas necessidades.” (Tradução do autor).

<sup>47</sup> “[...] essa visão jovem e colorida do mundo unida em um desafio pacífico, essa evocação de momentos históricos desvinculados do bem e do mal, nasce de uma consciência maior e serena, a mesma que os julgará amanhã.” (Tradução do autor).

<sup>48</sup> “Un monde plein d’avenir”.

une véritable réunion sportive : le sport idéal a ces dimensions-là”<sup>49</sup> (PASOLINI, 2012, p. 85).

A análise dos títulos das crônicas de Pasolini mostra o florescimento de seu pensamento em um clímax inegável. Se na crônica intitulada “Le monde plein d’avenir”<sup>50</sup> ainda esteja presente uma visão conformista do esporte nos Jogos Olímpicos, por meio desse título bastante consensual, no “Drame sur le fil”, percebemos um olhar mais aguçado, espinhoso, através de uma abordagem original do esporte espetáculo. O *gran finale*, na coluna “Il trahit les patins par le vélo”, culmina com uma espécie de “atentado ao pudor político”, na medida em que Pasolini propõe uma visita turística nos bairros menos favorecidos de Roma em plena realização dos Jogos. A imagem do esporte veiculada está implicitamente mais próxima de uma verdade complexa, em constante tensão, como acontece diretamente com as personagens do teatro – conflitos intersubjetivos ou intrasubjetivos, despertando em quem os assiste paixões opostas (ou catarses), como percebemos na fúria desesperada do atleta alemão Carl Kaufmann que provoca “asco” em Pasolini, ou na alegria espontânea entre homens e mulheres na praia de Ostia. Por sua natureza e experiência, Pasolini tem as ferramentas requeridas para compreender o esporte como um jogo, um drama existencial.

Provavelmente, não se trata de uma coincidência o fato de as crônicas de Pasolini terem sido revisitadas e republicadas no momento em que suas obras completas apareceram no final da década de 1990, enquanto os textos esportivos de outros autores, por exemplo os redigidos por Calvino sobre as Olimpíadas de 1952, mais prolixos e partidários, não o foram (GRANAT-ROBERT, 2019, p. 360). As crônicas de Pasolini podem ser analisadas como peças literárias e revelam, concomitantemente, uma transição artística do jovem autor que, após poucos anos, migraria para o cinema. Na sua escrita esportiva, como em todas as suas obras, Pasolini põe sua pele, se entrega, não aparta sujeito e artista. Suas três obras merecem ser traduzidas e relidas. Em diversos aspectos, trata-se de textos atemporais, sobretudo quando analisamos o atual estado da arte no campo dos megaeventos esportivos (CASTILHO, 2016). As críticas apontadas por Pasolini na década de 1960 podem ser deslocadas para quaisquer megaeventos contemporâneos. O cronista esportivo já alertava para o excesso midiático, as mudanças estruturais impostas pelos órgãos responsáveis pelos Jogos Olímpicos, a gentrificação, a perda dos elementos lúdicos do esporte, entre outros aspectos. A não subserviência de Pasolini ao PCI, sinal de maturidade, revela-se primordial nas suas crônicas, nas quais ele prioriza a força da sua paixão pela vida e o confronto de todas as suas formas e manifestações, sejam elas esportivas ou populares. Tendo feito da sua existência o solo das suas obras, o terreno das suas reflexões, Pasolini rapidamente adotou uma atitude de independência, não sem risco, em relação aos órgãos de imprensa para os quais colaborava. Este ponto torna seus relatos muito mais impactantes.

O interesse pelas diversas manifestações e aventuras humanas, enraizadas em acontecimentos reais e encarnadas por heróis do campo

<sup>49</sup> “Foi um verdadeiro encontro esportivo: o esporte ideal tem essas dimensões.” (Tradução do autor).

<sup>50</sup> “O mundo cheio de esperanças.” (Tradução do autor).

esportivo de carne e osso, revela-nos a inteligência de Pasolini, que não despreza este tipo de exercício – a crônica esportiva – área subjugada como pouco literária e modesta, mas que se insere como um dos aspectos societários e culturais mais importantes dos séculos XX e XXI. Um temperamento explosivo orientado para o prazer do jogo, do confronto e da exploração de todas as suas paixões, pois, ainda que um de seus esportes preferidos, o ciclismo, não esteja isento de corpos “sofredores”, nota-se que o autor opta por escrever sua coluna no corpo “em repouso” do ciclista russo, deixando o relato “em movimento” ou estrito da façanha olímpica para outros jornalistas.

### **Referências Bibliográficas**

BLOCH, Jean-Richard. *Destin du siècle*. Paris : Presses Universitaires de France (PUF), 1996, 76p.

CASTILHO, César Teixeira. *Politiques Publiques et Coupe du monde de football 2014 au Brésil: des espoirs aux héritages locaux*. 2016. 556 f. Tese (Doutorado em Sciences du Sport et du Mouvement Humain) – STAPS, Université de Paris-Sud (Paris 11), 2016.

COMIZI d’amore. Direção: Pier Paolo Pasolini. Produção: Alfredo Bini. Itália: Arco Film, 1965 (83 min.)

GOLDBLATT, David. *The Games: A Global History of the Olympics*. London: WW Norton & Company, 2016. 516p.

GRANAT-ROBERT, Sandrine. Chronique des Jeux olympiques par Pasolini et Calvino. *Italies* [Em ligne], 2019, pp.331-361. URL: <http://journals.openedition.org/italies/7624>; DOI: <https://doi.org/10.4000/italies.7624>.

PASOLINI, Pier Paolo. *Un mundo pieno di futuro* (3 de setembro de 1960). Romanzi e racconti 1947-1961, Milan, Mondadori, 1998, pp. 1527-1531.

PASOLINI, Pier Paolo. *Tradí i pattini per la bicicletta* (10 de setembro de 1960). Romanzi e racconti 1947-1961, Milan, Mondadori, 1998, pp. 1537-1541.

PASOLINI, Pier Paolo. *Dramma sul filo* (17 de setembro de 1960). Romanzi e racconti 1947-1961, Milan, Mondadori, 1998, pp. 1532-1536.

PASOLINI, Pier Paolo. *Les Terrains: Écrits sur le sport*. Paris : Les Temps de Cerises, 2012. 160p.

PASOLINI, Pier Paolo. *Romanzi e racconti*. 1962-1975. Vol. 2. Org. Walter Siti e Silvia De Laude. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1998. (I Meridiani).

PASOLINI, Pier Paolo. *Le ceneri di Gramsci*. Editora: Garzanti (7ª Edição), 2015.

PIRONET, Olivier. Les Terrais. Écrits sur le sport. *Le Monde Diplomatique*, 2012, p. 25. Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/2012/08/PIRONET/48045> Acesso em: 24 de fevereiro de 2022.

Recebido em 15 de junho de 2022  
Aprovado em 4 de novembro de 2022